

“MENINAS QUE QUEREM AJUDAR A FAMÍLIA” - AS QUE VÃO, OS QUE FICAM E AS REDES DE CUIDADO E DE AFETIVIDADE TRANSNACIONAIS

Elisa Hipólito do Espírito Santo¹

RESUMO: A partir da pesquisa em andamento em salões de beleza de mulheres imigrantes africanas em São Paulo, busca-se refletir entorno das redes de sociabilidade, afetividade e de cuidado transnacionais. Ao passo que reforça a importância de uma visão multifacetada das dinâmicas migratórias, sobretudo se atentando aos regimes de diferença de gênero e raça.

Palavras-chave: Imigração; Interseccionalidade; Sociabilidade.

“NIÑAS QUE QUIEREN AYUDAR A LA FAMILIA” - LAS REDES DE SALIDA, ESTANCIA Y TRANSNACIONAL DE ATENCIÓN Y AFECTIVIDAD

RESUMEN: A partir de la investigación en curso en salones de belleza de mujeres africanas inmigrantes en São Paulo, buscamos reflexionar sobre las redes de sociabilidad, afecto y cuidado transnacionales. Si bien reforzar la importancia de una visión multifacética de la dinámica migratoria, prestando especial atención a los regímenes de diferencia de género y raza.

Palabras-claves: Inmigración; Interseccionalidad; Sociabilidad.

INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de uma pesquisa em desenvolvimento, uma etnografia com cabelereiras imigrantes negras² provenientes de países africanos, em salões de beleza afro localizados na Galeria do Reggae, na cidade de São Paulo.

Os salões afro ou étnicos³ surgem como um lócus propício para as reflexões que me proponho, bell hooks (2005) retrata esses espaços e as emoções envolvidas no trato do cabelo de mulheres negras, ela denomina esse processo de rito de iniciação da condição de mulher. Não só de iniciação, mas também um rito de intimidade, em que

¹ Mestranda em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. E-mail para contato: elisahipolito13@gmail.com

² Durante todo o artigo utilizo o termo “interlocutoras” ao invés dos nomes próprios para manter o anonimato.

³ Há uma oscilação entre a utilização do termo salão étnico ou afro, que segundo Nilma Gomes (2008) se relaciona a uma perspectiva mais ampla, de tentativa de conciliação das marcas identitárias com as mudanças no campo das relações raciais, que não deixam também de ser atravessadas pelos interesses do mercado e a trajetória histórica e política da questão racial no Brasil. Entre as cabelereiras e as frequentadoras brasileiras e imigrantes há o predomina da nomeação salão afro por isso no presente trabalho irei utilizar esse termo.

amigas e familiares, mães, tias e irmãs, se encontram em um momento regado a muitas conversas, risos, comidas e músicas, no qual mulheres negras, mesmo as que não possuem um alto grau de intimidade, podem se encontrar e conversar umas com as outras, ou simplesmente escutar a conversa. São locais de sociabilidade e de aumento da consciência, onde se compartilham histórias, fofocas, lamúrias e problemas. São espaços de acolhimento e renovação de espírito. Para algumas é também o local de descanso, sossego e silêncio, em que não é necessário satisfazer as exigências dos filhos e dos homens.

Em salões frequentados majoritariamente por mulheres negras imigrantes, entre cabelos e “papos de salão” - apesar do caráter que a princípio pode parecer lúdico - surgem intensas reflexões sobre o fluxo migratório, a família (daqui e de lá), a afetividade, as suas trajetórias, o cuidado e a construção de sociabilidades pautadas no compartilhamento de informações e estratégias de permanência no país. Assim como também surgem redes de ajuda para lidar com as privações e discriminações sofridas relacionadas ao status de serem mulheres negras imigrantes africanas.

Tínhamos um mundo no qual as imagens construídas como barreiras entre a nossa identidade e o mundo eram abandonadas momentaneamente, antes de serem reestabelecidas. Vivíamos um instante de criatividade, de mudança. (HOOKS, 2005, p.2).

A partir dessa etnografia busco um olhar multifacetado para a circulação transatlântica de pessoas, dinheiro e produtos, principalmente ao dialogar com os estudos de feministas negras e dos marcadores sociais da diferença. Atentando que as categorias de raça, gênero, nacionalidade, classe e religião estão imbricadas e não operam isoladamente, produzindo, reforçando e/ou transformando as possibilidades, experiências e o modo como se migra. Reafirmando ainda a importância não só da feminilização, mas também da racialização das dinâmicas migratórias.

A Galeria do Reggae e seus sentidos e corporeidades

Em 2016 eu estava a passeio por São Paulo, andando perdida pelas ruas centrais da República, região central da cidade, entrei na rua 24 de maio e a presença de várias mulheres negras no entorno de uma galeria me chamou atenção. Algumas com turbantes e amarrações na cabeça, outras com belíssimos cabelos soltos, lisos e encaracolados

reluzentes. As tranças não eram como as que eu geralmente vejo em outras mulheres negras brasileiras, ou as que cabelereiras geralmente faziam em meus cabelos: tranças longas, pretas e soltas. Eram tranças de cores fortes, algumas bem grossas e outras extremamente finas, que faziam verdadeiras *complicações* e *tramas* na cabeça. Denise Cruz (2012, 2017) ao realizar seu campo relacionado às emoções e sentimentos despertados em mulheres negras moçambicanas e brasileiras ao lidar com cabelos crespos, afirma que as mulheres moçambicanas realizam verdadeiras *complicações* e *tramas* nas cabeças de outras mulheres. O termo *complicações* é utilizado para se referir a um valor estético, tê-las na cabeça é possuir o penteado mais sofisticado, uma espécie de ostentação, com *tramas* que confundem aquele que vê e que o faz ter dúvidas da maneira como foram realizadas. O observador fica confuso uma vez que ele não consegue acompanhar os caminhos que as tranças percorreram para criar aquele efeito visual. E a cabeça assume relevância em relação ao restante do corpo, chama a atenção para si. (CRUZ, 2017)

Não só a cabeça me chamava atenção no primeiro momento, essas mulheres também estavam vestidas com roupas de cores vibrantes, com acessórios, brincos, pulseiras e relógios, algumas que pareciam ser mais velhas usavam lindos vestidos e batas de tecido africano⁴. Havia também a presença de crianças, a maioria eram meninas, de diferentes idades, que corriam e brincavam pela calçada enquanto interagiam com os transeuntes. As mulheres adultas ficavam sentadas em banquinhos ou caixotes, trançando, colocando ou tirando apliques de cabelo em outras mulheres; vendendo verduras, legumes e raízes; conversando e rindo; e principalmente, chamando outras mulheres negras que por lá passavam. *Menina, menina, minha linda. Quer trançar? Venha cá!* O português com um sotaque forte já confirmavam a minha desconfiança inicial, eram mulheres imigrantes.

⁴ Utilizo o termo “tecido africano” como uma categoria nativa, já que é assim que muitas brasileiras e as minhas interlocutoras africanas, o comércio e os sites brasileiros os chamam. Entretanto é importante expor que há uma diversidade de tecidos e vestimentas nos diferentes países do continente africano, e de acordo com a região, a utilização de determinado tecido, amarração, cores e vestimentas pode indicar marcas identitárias. A sua utilização não é algo uniforme e comum entre os imigrantes que frequentam a galeria e a região central da cidade. Como é afirmado por Adji Ba, senegalesa de 41 anos e vendedora de tecidos e outros artigos da região da República, em São Paulo, que acredita que hoje é raro ver um homem com trajes típicos. “Há uma necessidade se incluir no ocidente, então, muitos deixam de lado a cultura. Não saio sem meu turbante” (VILLALOBOS, 2019) Disponível em: <https://saopaulosao.com.br/nossas-pessoas/1401-imigrantes-africanosnas-ruas-de-sp-revelam-diversidade-de-estilos.html>. Acesso em 20 de mar. de 2020.

Curiosa e sem entender muito bem onde eu estava e o que tudo aquilo significava continuei seguindo a rua e por acaso encontrei a Galeria Presidente, conhecida popularmente como “Galeria do Reggae” ou “Galeria Black”, próximo à “Galeria do Rock”. Logo na fachada são perceptíveis as semelhanças arquitetônicas entre elas. Mas o que realmente chama atenção são as diferenças - que vão além do nome e da falta de manutenção que a primeira recebe – que se assentam, principalmente, no seu público frequentador.

Na Galeria do Reggae há uma presença massiva da população negra, por isso ela também é nomeada “Galeria Black”. Há mais de 50 anos ela é reconhecida como um reduto da população negra paulistana e boa parte do comércio é voltado para a cultura negra⁵, com lojas de discos especializadas em reggae, soul, blues e rap, lojas de roupas, de artigos para a prática de capoeira e salões de beleza afro, especializados em penteados e manipulações no cabelo crespo. Ao subir os andares, o número desses estabelecimentos aumenta, assim como o público, que fica cada vez predominantemente negro. Entretanto, nessa minha primeira incursão à galeria a cada andar que eu subia todos os meus sentidos eram constantemente acionados pelo desconhecido.

A audição ao escutar as músicas dentro dos estabelecimentos e línguas faladas que eu não reconhecia; o olfato ao sentir cheiros e aromas de temperos e comidas feitas em alguns bares e restaurantes que ficam no seu último andar; a visão logo antes de entrar na galeria, ainda na rua, e nos seus corredores ao avistar as mulheres com tecidos, roupas, cabelos e penteados com cores, tamanhos, formatos e modelos que não me eram familiar, além dos panfletos nas paredes dos corredores, em português, inglês e francês, anunciando festas, palestras, cultos religiosos e até comunicado de falecimentos de algum ente da comunidade, tal como um obituários; o paladar ao me aventurar em viagens gastronômicas ao provar alguns alimentos vendidos nas pequenas mercearias; e posteriormente, já com o campo estabelecido, o tato foi ativado. Já que além de

⁵ Utilizo o termo “cultura negra” também como uma categoria nativa e não como um instrumento analítico. Isso tendo em vista que, como é afirmado por Livio Sansone (2002), “cultura negra” pode ser definida como uma espécie de subcultura de pessoas afrodescendentes dentro de um sistema social que enfatiza a cor, ou a descendência a partir da cor, como um critério válido de diferenciação ou segregação das pessoas. Entretanto, a “cultura negra” não é algo fixo, muito menos um todo abrangente, porque é por definição sincrética e resultado de relações sociais entre grupos racialmente definidos como “brancos” e “negros”.

pesquisadora, ou para assim continuar sendo, também me tornei uma cliente de minhas interlocutoras. Ou seja, essa minha primeira incursão já anunciava, antes mesmo que eu tivesse um campo ou uma pesquisa estabelecida, que esse trabalho, além de evocar minha subjetividade, seria também uma experiência fortemente corporificada. Estar naquele ambiente era me confundir se eu ainda estaria realmente no Brasil, uma experiência que transportava todos os meus sentidos para o além-mar, uma experiência translocal.

AS IMIGRAÇÕES E OS MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA

As imigrações internacionais, segundo Basílele Malomalo (2015), se contextualizam no aumento do desenvolvimento tecnológico e da constituição de mercados globais, as distâncias se encurtaram e as redes de conexão entre lugares se tornaram mais densas. Esse movimento modifica e afeta as sociedades contemporâneas, as tornando cada vez mais plurais e gerando importantes processos de socialização.

Entretanto, para contextualizar o campo das migrações na área da antropologia, recorro à antropóloga Andréa Lobo (2018), que realiza uma breve e importante sistematização refletindo entorno das três abordagens que marcariam os estudos migratórios nas ciências sociais. A primeira se relaciona a um recorte utilitarista que focava nos fatores de atração e expulsão no contexto de desenvolvimento nacional, reduzindo as possíveis causas do movimento ao sujeito e não às estruturas produtoras de desigualdade. Posteriormente, esses estudos passam a se interessar nas migrações laborais e nos fluxos de refugiados, dentro de um sistema econômico capitalista mundial e de uma relação entre centro e periferia. A figura do imigrante então é tida como um problema tanto no país destino, quanto no país emissor que se vê impossibilitado de reter seus recursos humanos⁶. Entretanto a objeção dessa abordagem é que, ao contrário do primeiro momento, esses estudos perdem a dimensão dos sujeitos e suas possibilidades de agência.

⁶ Apesar das problemáticas relacionadas aos fatores de repulsa das pessoas dos seus países de origem, elas acabam se tornando personagens importantes dentro do fluxo de capital internacional. Principalmente ao pensarmos as remessas financeiras, ou seja o envio de dinheiro para familiares em seus países natais. Irei abordar brevemente sobre essas remessas na próxima parte.

Por último, o terceiro momento, segundo a autora, nasce na crítica aos dois anteriores, percebidos como um processo fragmentado, hierárquico, unidirecional e dual, ou do imigrante ou do emigrante. Esse novo enfoque passa a levar em consideração a circulação não só de pessoas, mas também de bens culturais, informações e ideias. Assim, a partir dos anos 1990, surge como noção básica o conceito de espaço social transnacional e a percepção de que os movimentos transnacionais não se reduzem a uma viagem de partida e outra de regresso, mas em múltiplos fluxos e conexões (LOBO, 2018).

Esses sujeitos deixam de ser vistos como pessoas que abandonaram os seus velhos padrões de vida nos países de origem para adquirirem, às vezes dolorosamente, o aprendizado de uma nova língua e cultura, são sujeitos com trajetórias complexas. Sendo assim, esses estudos passam a se ater a uma estrutura analítica transnacional que englobe estes novos imigrantes cuja identificação de pertencimento é fugidia – com envolvimento simultâneos na vida social e política de mais de um estado-nação, “pessoas com os pés nas duas sociedades” (BASCH; SCHILLER; BLANC (1994). apud LOBO (2018)). A escritora Igiaba Scego ([2010] 2018) nos apresenta essa situação perfeitamente ao se questionar se era negra e italiana, negra e somali, ou ainda se seria afro-italiana, ítalo-africana, segunda geração, meel kale ou negra sarracena, mas concluindo que “Sou encruzilhada, eu acho. Uma ponte, uma equilibrista, alguém que está sempre no limiar e nunca está. No fim, sou somente a minha história. Sou eu e meus pés. Sim, os meus pés” (SCEGO, p.29, 2018 [2010]). Igiaba Scego é uma escritora formada em Literatura Moderna e fruto da diáspora, que nasceu em Roma, mas tem origem somali. Em seus livros ela aborda sobre a diáspora, imigração e cultura africana. No livro “Minha casa é onde estou” a autora, junto a um irmão e um primo, tenta reconstruir a memória familiar de Mogadíscio na Somália, cidade que sua família morava antes de migrar para Itália. Entretanto ao realizar essa recuperação, ela percebe que não conhecia aquela cidade e que na realidade a sua Mogadíscio é Roma. A cidade em que nasceu, cresceu e cultivava uma relação complexa de amor e ódio, por ser do país que colonizou o seu país natal e que gerou uma “ferida purulenta” que até hoje está em busca de cura. Ela cria então uma topografia afetiva de Roma, sua Roma, nos trazendo memórias pessoais e coletivas dos somalis diaspóricos.

Um dos pontos que considero essencial dessa nova abordagem são as reflexões que dão ênfase aos sujeitos, suas agências e capacidades de reinventarem e dar novos significados aos processos migratórios. Mas que também pensam a sua pluralidade, as relações de gênero e de poder. Nas últimas décadas, graças aos estudos culturais, decoloniais, dos marcadores sociais da diferença e dos feminismos, passamos a ler e produzir cada vez mais sobre interseccionalidade, pertencimentos, agência, identidades múltiplas, identidades situadas, fronteiras porosas e flexíveis e um mundo em permanente fluxo.

E dentro desse contexto surge o interesse pelo estudo da migração feminina, que tem o seu início a partir de constatações de um volume significativo de mulheres nos fluxos migratórios em que predominavam homens, ou ainda, pela captação de fluxos essencialmente femininos, que pareciam ter como único motivador a reunificação de lares, a ida ao encontro de seus maridos que emigraram primeiro. Roberta Guimarães Peres e Rosana Baeninger (2012) refletem a necessidade de um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero sobre a migração feminina, e aqui eu acrescento a necessidade também que os estudos de migração e mobilidade pensem o marcador social de gênero, afim de não só realizar uma análise quantitativa, mas tornar visível esse movimento de mulheres e mostrar os seus padrões, causas, experiências e impactos.

Entretanto se torna necessário contextualizar o debate e pensar na própria imigração africana. Ercílio Langa (2020), ao estudar mulheres imigrantes africanas no Ceará, afirma que elas eram minoria entre os imigrantes africanos e essa situação reflete a existência de sistemas patriarcais e de desigualdades de gênero em suas sociedades de origem. Porém, o autor reitera que isso não justifica o fato dos estudos sobre comunidades de imigrantes de origem africana e populações diaspóricas continuarem focados em homens e negligenciando a condição das mulheres locais ou em trânsito, sejam elas imigrantes ou refugiadas, e muito menos ignorar suas demandas por educação, trabalho, gênero, sexualidade, etc. (LANGA, 2020). Além de Ercílio Langa, também temos Juliana Dias (2000), Andrea Lobo (2007), Iolanda Évora (2003), Marzia Grassi (2007), Claudia Bongianino (2012) entre outras pesquisadoras e pesquisadores com produções a partir do Brasil, que se atentam ao fluxo de mulheres africanas, principalmente que emigram de Cabo Verde, e todas as nuances econômicas, sociais,

culturais e sexuais por trás desses fluxos. Mas ainda é um campo de estudo em construção.

Alice Queiroz Telmo Romano e Adolfo Pizzinato (2019) realizam uma pesquisa documental dos estudos publicados na temática migração feminina para o Brasil, em uma perspectiva interseccional, relacionado às questões de gênero, raça/etnia e classe. E chegam à conclusão que apesar do crescente número de pesquisas entorno desses marcadores nos fluxos migratórios, poucos os levam em consideração de maneira interseccional.

Alguns dos estudos analisados destacaram de maneira similar as categorias abordadas. No entanto, nesses trabalhos, percebeu-se a falta de articulação entre as categorias, como se percebe em estudos interseccionais, com o intuito de dar maior visibilidade aos aspectos vulneráveis ou potenciais que poderiam surgir dessas interseções. Compreendemos que um olhar interseccional sobre os marcadores descritos possibilitaria uma análise mais profunda da situação das mulheres migrantes, pois combinar raça e gênero ou etnia e gênero nos mostra interseções que diferem de olhar para a categoria mulher, negra, imigrante em separado. (TELMO ROMANO; PIZZINATO, 2019, p.210).

O que as autoras denunciam é algo que feministas negras e interseccionais (Angela Davis, [1981] 2016; bell hooks, 1981; Audre Lorde, [1984] 2019; Gloria Anzaldúa, 1981), dos Estados Unidos nos anos de 1990, construíram e ainda constroem: a importância de pensar os marcadores sociais da diferença articulados e o caráter multifacetado da posicionalidade social das mulheres. Não devemos nos restringir só aos regimes de diferença entorno do marcador de gênero, mas também à raça e etnia, sendo necessário analisá-los em conjunto, já que essas mulheres são perpassadas por desiguais relações de poder e diferentes acessos a bens e serviços (MOUTINHO, 2004; 2014). O marcador de raça se torna um marco referencial que deve estar presente na análise dos processos migratório, já que produz e reproduz diferentes experimentações e formas de marginalização e exclusão no ato de migrar.

A presente pesquisa então se alinha aos estudos dos marcadores sociais da diferença, um campo que segundo Heloisa Almeida, Júlio Simões, Laura Moutinho, Lilia Schwarcz (2018) objetiva designar como as diferenças são socialmente instituídas e podem conter implicações em termos de hierarquia, assimetria, discriminação e desigualdade. O que se tornou amplamente discutido nas Universidades brasileiras nos

anos 2000, mesmo havendo um campo de pesquisa e reflexão em construção, na antropologia do Brasil, desde o final dos anos 1970, que passou por mudanças de ênfases e de conceitos (CARRARA & SIMÕES, 2007). Lélia Gonzalez, por exemplo, em 1988 já corroborava com o debate ao afirmar que o feminismo latino-americano delimitou a sua luta ao conceber o conceito de capitalismo patriarcal como base da opressão sofrida pelas mulheres. E, ao contrário dos Estados Unidos, esse movimento não se abriu para se discutir a questão racial, por mais que o racismo, assim como o machismo, parta das diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. Ou seja, o feminismo latino-americano falhava, segundo a autora, ao desconsiderar o nível racial de suas discussões, e acabava por cair em um discurso tipicamente masculinizado e branco.

Na mesma linha argumentativa, a intelectual feminista chicana Ochy Curiel (2007), se baseando na crítica pós-colonial, afirma que as feministas racializadas desde os anos 70 criticam o poder patriarcal e capitalista pensando a imbricação de diversos sistemas de dominação como o racismo, o sexismo, a heteronormatividade e o classismo, mas que em alguns setores, como no âmbito acadêmico e político, esses discursos se fazem de posições também elitistas e até mesmo masculinas e androcêntricas.

Curiel então propõe retomar propostas feministas racializadas que enriqueceram a prática feminista e servem para ampliar a discussão envolta do tema de colonialidade. São essas feministas que respondem o paradigma da modernidade universal – homem branco heterossexual – e que a partir das suas subalternidades e experiências situadas, impulsionam um novo discurso e uma prática política crítica e transformadora. A autora utiliza dos exemplos das contribuições de mulheres racializadas da América Latina e do Caribe, assim como de movimentos como o Black Feminism, com a interrelação de categorias como raça, sexo, classe e sexualidade como marcas das sociedades pós-coloniais; e o feminismo chicano nos Estados Unidos, que propõem uma política de identidade híbrida e mestiça, com o pensamento fronteiriço e a reflexão de limitações das identidades essencialistas e autênticas; como ferramentas contra o colonialismo a partir de uma visão materialista, antirracista e antissexista, para entender que o gênero não é uma categoria universal, estável e descontextualizada.

Ao pensar o marcador social da raça, recorro para pensar algo específico que é a estética, a corporalidade negra, o cabelo, ao contrário de estudos que pensam os regimes

de diferença e suas violências, privações e vulnerabilidades. Mas nesse artigo meu objetivo é outro, opto por abordar a subjetividade e a sua potência, a afetividade, o cuidado e as relações familiares. O trânsito internacional feminino tem demonstrado ser multifacetado, autônomo e influenciado por motivos econômicos, laborais e estudantis. Irei focar no trânsito por finalidades econômicas e laborais, já que é a situação das minhas interlocutoras. Emigra-se com o intuito de conseguir uma melhor oportunidade de emprego, para enviar remessas de dinheiro aos pais e familiares, ou para conseguir uma formação que garanta uma situação financeira e um futuro mais confortável, para si e para sua família.

“MENINAS QUE QUEREM AJUDAR A FAMÍLIA” - AS QUE VÃO, OS QUE FICAM E AS REDES DE CUIDADO E DE AFETIVIDADE TRANSNACIONAIS

Minhas interlocutoras de pesquisa migram desde novas, sobretudo com a finalidade de trabalho e de cuidado. Inicialmente saíram da República Democrática do Congo rumo à Angola para auxiliarem uma de suas irmãs que tinha acabado de ter um bebê e as convidou. Elas acharam melhor ir para ajudá-la com o recém-nascido. Tanto a mudança para Angola quanto, posteriormente, a vinda para o Brasil, está relacionada ao ato de cuidar e de ajudar a família, e estão dentro de uma *rede de indicações, contato e apoio*, como é nominada por Claudia Bongianino (2012) ao pesquisar cabo-verdianas na Itália. Essas redes possibilitaram, e ainda possibilitam, o trânsito em si, elas incentivam e facilitam o deslocamento, a inserção relativamente rápida no outro país, oportunidades no mercado de trabalho ou na aprendizagem profissional e no estudo, e ainda podem representar um auxílio financeiro inicial de sobrevivência aos recém-chegados.

Esses deslocamentos estão, sobretudo, relacionados à esfera do cuidado. Fernando Rodrigues e Almudena Maisonave (2013) afirmam que a feminização da migração é um processo social, político e cultural ligado diretamente à globalização dos cuidados. Esse cuidado acontece em dois âmbitos, o cuidar do outro distante⁷ de si - já que muitas dessas mulheres imigrantes estão empregadas em trabalhos domésticos, como faxineiras, babás, cuidadoras de idosos, ou o cuidado no mercado da beleza, como

⁷ Nesse caso o distanciamento que estou levando em conta não é necessariamente a distância física, mas sim o distanciamento afetivo e o distanciamento temporal, refletindo segundo Fabian (2013).

é o caso pesquisado. Jaqueline Bertoldo (2018) constata que as mulheres nos fluxos migratórios acabam inseridas em nichos de trabalho historicamente destinados às mulheres, como o serviço doméstico, e analisa as múltiplas vulnerabilidades que essas profissionais estão sujeitas no país, refletindo entorno das desigualdades de gênero, classe social e raça. A autora traz um dado da Organização Internacional do Trabalho (OIT) do ano de 2015, em que dos 244 milhões de migrantes internacionais⁸, 150,3 milhões estão no mercado de trabalho e quase metade são mulheres. Em nível global, existem 67,1 milhões de trabalhadores domésticos, dos quais 11,5 milhões são migrantes internacionais. Sendo assim, os migrantes representam 17,2% de todos os trabalhadores domésticos do mundo (BERTOLDO, 2018).

Mas a esfera do cuidado continua também nos países natais, o cuidar do outro que lhe é próximo: a sua família. Como é afirmado por Denise Pimenta (2019) - que pesquisou a relação entre a pandemia do ebola, o gênero e o ato de cuidar - a mulher é construída socialmente dentro dessa esfera do cuidado, como se essa relação fosse óbvia e dada. Entretanto essa relação não é marcada só de afetos e sentimentos nobres, ela também é permeada de riscos e perigos. O cuidado, entendido como decorrência do “amor”, é um fardo que recai sobre as mulheres. Trata-se de um ônus cultural de uma existência feminina (PIMENTA, 2019).⁹

O cuidado é à distância, mas se concretiza principalmente através dos retornos econômicos, o envio das remessas de parte dos salários com o fim de garantir a educação, saúde e acesso a bens materiais essenciais e simbólicos aos familiares que ficaram. Essa relação garante então um status de obrigação familiar.

Por que o Brasil mudou, estou pensando em sair do Brasil. O dólar está subindo até ó... que a gente manda dinheiro na África e como o dólar está subindo não tem como mandar dinheiro para mãe, para pai, não tem como, tem que ir para um país que esteja bom né. Mandar dinheiro para ajudar a família. (Trecho da entrevista realizada em novembro de 2019).

A circulação de dinheiro causa impactos políticos, midiáticos e econômicos tanto para os países de destino dessas imigrantes, que trabalham e juntam dinheiro

⁸ Dado do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas – 2015.

⁹ Inicialmente eu não pensaria no cuidado na perspectiva de um contexto pandêmico, mas diante das trágicas circunstâncias atuais, se torna necessário refletir também sobre os impactos que a pandemia tem ou pode ter nesse cuidado.

objetivando enviá-lo para os familiares, quanto para os países de origem que são os países destinatários desse envio de remessas. Fernando Rodrigues e Almudena Maisonave (2013) ainda demonstram que há estudos que analisam os padrões de gênero no envio, recepção e gestão dessas remessas e que afirmam que elas podem ser um veículo para transformar as relações entre homens e mulheres, já que os dados disponíveis expõem que as mulheres enviam uma maior porcentagem de suas receitas em comparação com os homens. A espera de se receber altas remessas, deposita sobre essas mulheres, e ao próprio ato de imigrar, grandes expectativas, já que o êxito de estar com uma condição de vida próspera é estendida também para os seus laços familiares no país de origem.

Uma de minhas interlocutoras diz que chegou ao Brasil quando a economia estava boa, havia muitas oportunidades de emprego, *“um tempo que o Brasil estava muito bom”*, ela disse. Já a outra relatou que quando chego ao país a situação estava um pouco melhor do que a situação atual, *“estava melhorzinho, mais ou menos, hoje o Brasil está quebrado”*. Diante desse contexto econômico e político de crise, ela afirmou não querer continuar aqui, *“quero sair do Brasil, o dólar está subindo e tenho que mandar dinheiro para a África”*, preferindo se deslocar para um país em que a situação econômica esteja melhor e que conseqüentemente ela possa continuar enviando dinheiro para a sua família. Ela me deu o exemplo de uma amiga que emigrou para o Canadá, há menos tempo que ela, e que já conseguiu construir uma casa para a mãe, *“estou pensando ir para o Canadá”*. O deslocamento é movido então pela busca de melhores situações econômicas e o encontro de pessoas, e é marcado por ser feminino e negro. Um movimento incerto, e às vezes infinito, em que as escolhas das futuras casas-cidades só pertencem ao futuro ou às oportunidades que melhor poderão ser aproveitadas.

Ainda é importante abordar que esse movimento também dá origem a outras estruturas familiares. Inicialmente durante o campo eu tinha compreendido que as minhas interlocutoras eram irmãs, ao perguntar para afirmar essa suposição, me disseram que não. Fiquei confusa e perguntei o que elas eram, elas demoraram um pouco para me responder e disseram que uma era tia da outra. Em outra situação em campo elas reafirmaram serem irmãs. Foi quando então percebi que as práticas, noções e concepções de família ganham dimensões para além da consanguinidade. Constrói-se

e se fazem famílias, surgindo redes de relações que parece ser proveniente de um parentesco alargado, que inclui parentes que nasceram e ainda estão na República Democrática do Congo, em Angola e outros que já imigraram, para o Brasil, Canadá e outros países da Europa.

Nascem estruturas familiares transnacionais, aquelas cujos membros vivem todo ou a maior parte do tempo separados, apesar deste fato, mantêm-se unidos e criam um sentimento de bem-estar coletivo e de unidade que atravessa fronteiras (RODRIGUES;MAISONAVE, 2013). A dimensão mais significativa dessa definição, segundo os autores, é que essas famílias passam a ter uma natureza relacional baseada na reconfiguração do conceito da presença física dos seus membros. Durante o campo é comum ver as mulheres com seus celulares, falando em suas línguas por vídeo chamada com outras mulheres durante horas, enquanto trançam e manipulam os cabelos das clientes. Com o contexto da pandemia a minha comunicação com elas têm sido através de conversas esporádicas pelo *Whatsapp*, e comecei a perceber o quanto elas utilizam os *stories*¹⁰ do aplicativo para veicular fotos dos seus filhos, de sua mãe e outros parentes que não estão no Brasil. Assim, apesar de *perto* e *longe* terem uma dimensão espacial, eles passam a não ter uma ligação estrita à distâncias ou à proximidade física. Como é elaborado por Trajano Filho (2010), os lugares perdem a necessidade de ter uma concretude e se transformam em redes imaginadas sob a forma de campos comunicativos cujo alcance é limitado pelas tecnologias de comunicação disponíveis [...] (TRAJANO, 2010, P.19).

Nesse contexto, salta aos olhos a importância das tecnologias da voz e da imagem (ou seja, o telefone, o celular, a fotografia e a internet), pois elas ajudam a criar uma simultaneidade espacial, por meio da criação de uma temporalidade comum, permitindo que pessoas ausentes fisicamente se façam presentes emocionalmente. (BONGIANINO, 2012, p. 268).

Em uma das entrevistas marcadas, me perguntaram se poderiam levar sua sobrinha, eu disse que não teria problema, que seria ótimo conhecê-la. A sua sobrinha tem 17 anos, mas veio para o Brasil quando tinha 7 anos para estudar. Sua outra tia,

¹⁰ *Story* é o nome dado a uma ferramenta de aplicativos como o *Whatsapp* e o *Instagram*, em que é possível postar fotos e vídeos que ficam visíveis para os seus contatos durante um tempo limite de 24 horas.

irmã da minha interlocutora, tem três filhas no Brasil e uma em Angola, e a buscou em uma das visitas ao país, a trazendo para o Brasil para ter uma melhor educação. Ela atualmente acabou decidindo morar com minha interlocutora, seus filhos e marido, por ser mais próxima a eles. Ela contou que tem contato constante com seus familiares, a mãe e os irmãos, já que não sabe onde o pai está, e que muito dos seus irmãos também não continuaram em Angola.

Há uma reorganização dos laços familiares e de cuidado, em um contexto que até mesmo a maternidade se torna transnacional, com um caráter à distância, podendo ser momentaneamente realocada e manejada para outros entes familiares próximos. Já que muitas mulheres que emigram deixam seus filhos no país de origem, ou são os seus filhos e filhas que resolvem emigrar tanto para trabalhar quanto para estudar.

Em todos estes casos encontramos-nos perante uma estratégia do grupo doméstico para assegurar a sua sobrevivência. Esta estratégia familiar assumida requer de todos os membros da família um ajustamento constante dos activos que presidem nas relações de intercâmbio e reciprocidade. (RODRIGUES; MAISONAVE, 2013, p. 9).

Mesmo com as estratégias de negociação e extensão dos laços familiares, a distância de outros entes pode resultar em sentimento de saudade. Entretanto a própria Galeria do Reggae e os seus salões de beleza, entre outros espaços, surgem não só como o local de trabalho, mas também um ponto de encontro, onde mesmo sem combinar previamente, se encontra e reúne com amigos, parentes e conhecidos. Os homens se aglomeram no quarto andar, onde estão localizados alguns bares e lojas com televisores que sempre estão ligados passando algum jogo de futebol ou clipes de músicas. Esse andar costuma ficar cheio aos finais de semana, com homens conversando, rindo, bebendo cerveja e comendo pratos típicos de alguns países do continente. Enquanto que as mulheres se encontram, conversam e riem nos salões e nas calçadas do entorno da galeria. Aos finais de semana aparecem também adolescentes e crianças que correm, brincam e fofocam nos corredores.

Além da galeria, outro espaço de encontro e socialização é a Igreja evangélica frequentada por elas, local inclusive responsável pela oportunidade de emprego que elas tiveram. Durante um culto, a sua irmã conheceu a esposa do pastor que tinha um salão na galeria e ofereceu uma cadeira para ela trabalhar. A sua irmã a convidou e ela

convidou a outra interlocutora, já que ambas haviam realizado um curso para serem trancista em Angola. A última se juntou às duas quando resolveu não mais trabalhar no seu primeiro emprego no Brasil, que era na cozinha de uma grande rede de restaurantes, local em que ela teve as suas primeiras experiências de xenofobia e racismo.

muito difícil, muito difícil, por que é muito trabalho, eles trabalham para caramba e não tem muito dinheiro. Eu tava trabalhando na cozinha. É puxado, o brasileiro, ficava falando: ah, êh, pega aqui, africana, pega aqui. Eu falei não, vou sair daqui. Eles tratam mal africano, é racista, é racista que fala né? (Trecho da entrevista realizada em novembro de 2019).

Considero fundamental refletir como as minhas interlocutoras vivenciam e identificam o racismo e a xenofobia. Questionar o lugar ocupado por elas na estrutura social e a inserção em uma sociedade historicamente situada, culturalmente específica e extremamente racializada, mas que dicotomicamente se afirma em um imaginário de igualdade e ausência de desigualdades raciais, mesmo possuindo estruturas extremamente racistas.

As fronteiras perpassadas pelas minhas interlocutoras vão além da entre países, são múltiplas e inclusive podem ganhar um caráter contextual e situacional. E o mercado social da diferença de raça, tal como as fronteiras, também possui significados móveis, ele não é fixo, é mutável de acordo com os lugares em que se desloca. É comum escutar de imigrantes de países africanos e do caribe que eles “se tornaram” negros ao chegar ao Brasil e se deparar com a sua classificação racial.

Joseph Handerson e Rose-Myrlie Joseph (2015) ao analisarem a presença de imigrantes haitianas na França, em trabalho relacionado ao cuidado, apresentam que as interlocutoras criticam o tratamento de suas patroas com as pessoas negras no contexto do trabalho doméstico.

Boa parte dessas mulheres migrantes negras criticava mais as relações raciais do que as relações sociais. Ademais, elas diziam que “se tornavam negras” na França, tendo em vista que os preconceitos de cor existentes, também no Haiti, são bem diferentes da maneira que se operacionaliza o racismo na França. Mesmo as pessoas que acreditavam serem claras no Haiti, as “mulâtresses” (mulatas), as sararás (grimêl), são chamadas de negras na França. (HANDERSON; JOSEPH, 2015, p.16).

Ou seja, reafirmando o que foi dito anteriormente, é fundamental pensar a racialização das dinâmicas migratórias, já que a raça é um fator determinante nas experiências de migrantes.

Os shoppings, principalmente, o shopping Tatuapé, no final da linha azul do metrô, é outro espaço que minhas interlocutoras costumam ir nos dias de folga, passear, encontrar outros amigos e frequentar os restaurantes e lanchonetes. São importantes espaços também para os jovens, assim como shows e festas organizadas por outros africanos imigrantes.

Em fevereiro de 2020 estive presente em uma delas, que tinha como público alvo os imigrantes africanos e a população negra da cidade. Ela foi organizada por um coletivo que chama Netos¹¹ de África, um grupo de homens jovens, provenientes de países lusófonos como a Angola e Cabo Verde, e se intitulam no *Instagram* como “ife de artistas africanos em São Paulo, referência africana na cidade, coletivo de dança, música e moda”. Além de ritmos e danças africanas como o kuduru, o kizomba, zouk, também se dançava e tocava o funk brasileiro. Foi uma festa com o predomínio de homens africanos, mulheres e homens negros brasileiros e poucas mulheres africanas. Ao conversar com um amigo negro brasileiro - que é amigo próximo dos integrantes do Coletivo e que já havia frequentado outras festas promovidas por eles - sobre o predomínio de homens africanos e o esvaziamento de mulheres africanas, ele confirmou que já havia percebido isso e que geralmente não há a presença dessas mulheres nas festas.

Não sei ao certo o motivo das mulheres mais jovens não terem frequentado esse espaço, nem outros espaços na capital paulista voltado para a população negra, como é feito pelos homens africanos, mas Ercílio Langa (LANGA 2014, 2016, 2020) nos trás uma hipótese. O autor percebia que as festa não tinha mesmo significado para homens e mulheres africanos, pois, para as mulheres africanas continuava o fardo do cuidado, já que as suas posições estavam ligadas ao cozinhar, lavar as louças e organizar o espaço, ao passo que os homens africanos se divertiam e se relacionavam com as mulheres negras brasileiras, as quais acabavam levando vantagem nesse “mercado afetivo

¹¹ A utilização de “netos” ao invés de “filhos” de África é justificado por serem a segunda geração de africanos que aqui chegaram, africanos que nasceram em África ou que nasceram na diáspora.

multinacional”. Assim, as mulheres africanas não mostravam o mesmo entusiasmo que os homens diante da festa, demonstrando certo mal-estar.

Nos relacionamentos afetivos das mulheres verificavam-se diversas formas de arranjos, desde namoros com africanos, seja do mesmo país e etnia e, algumas vezes como com homens brasileiros. [...] Nesse cenário, percebo que as mulheres negras, particularmente as africanas, ocupam o último lugar em termos de preferências afetivas em Fortaleza. Tal situação pode ser reflexo da representação histórica, existente sobre a mulher negra na estrutura social da sociedade brasileira que, por sua vez, parece ser incorporada pelos homens africanos e brasileiros. (LANGA, 2020, p.20).

Questiono então se para essas mulheres há uma preferência em se relacionarem e procurarem parceiros afetivos-sexuais dentro de sua comunidade. As minhas interlocutoras são casadas com homens africanos. Uma se casou quando ainda estava em Angola. Já a outra conheceu o seu marido aqui no Brasil, em uma festa. Ele é o proprietário de uma loja de roupas africanas também na República, é mulçumano e de Guiné Conacri. *“Ele é de outro povo e de outra língua”*, mas como ele já conhecia pessoas da República Democrática do Congo, ele também fala Lingala e os dois se comunicam pela língua. Ela parou de frequentar a Igreja evangélica e se converteu ao Islamismo para se casarem, o que parece ser um motivo de piada entre elas, dando a entender que, apesar de agora ser mulçumana, ela não segue os preceitos da religião.

Interlocutora: Conheci ele em uma festa, de africanos, um amigo me apresentou ele e me apaixonei (risos) Aí foi que foi (risos) e já tenho 3 filhos com ele. O primeiro filho tem 8, a menina 4, e o outro é bebe tem 7 meses. Os maiores estudam, falam português muito bem, e entendem Lingala, mas não falam Lingala, por que aí fica difícil neh.

Elisa: E você tem filhos?

Interlocutora2: Sim, sempre pensei em ter filhos, ser mãe.

Elisa: quantos filhos você tem?

Interlocutora2: Tenho dois, mas daqui a pouco vou fazer mais um (risos). A primeira é uma menina de dois anos, vai fazer 3 em fevereiro, e a segunda tem 9 meses.

Elisa: Eles são novinhos, e como você faz para tomar conta deles trabalhando aqui na Galeria?

Letícia: Deus ajuda.... Espera amiga.. a moça chegou para trançar o cabelo. (Trecho de Entrevista realizada em novembro de 2019).

Sobonfu Somé (2007), escritora e filósofa natural de Burkina Faso, reflete sobre relacionamentos, casamento e intimidade partindo do seu conhecimento ancestral, da

nação Dagara, para pensar o ocidente. Sobre a importância de se formar comunidades, a autora afirma, se referindo à população africana diaspórica, que

Aqueles que moram no Ocidente podem criar uma noção de comunidade em sua cidade. Podem fazer isso apoiando, constantemente, uns aos outros. Cada um de nós precisa de algo para se segurar. É por isso que existem todas essas pequenas comunidades aqui e acolá – grupos de voluntários em questões sociais, grupos de apoio e todos esses pequenos grupos que perseguem um objetivo comum. São tentativas de recriar uma comunidade maior, que existia e foi destruída. (SOMÉ, 2007, p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, as festas, encontros nos shoppings, na Igreja ou na própria Galeria tem como objetivo a diversão e parecem não ter um caráter organizacional para fins políticos ou de representação perante o Estado brasileiro, como muitas associações de imigrantes em países europeus, por exemplo. São espaços para fins culturais, sociais, beneficentes, religiosos, para o flerte e paquera, achar esposas e maridos. São importantes para que mantenham o contato com seus conterrâneos (mesmo de países diferentes), amigos e parentes, e manterem, de certo modo, uma ligação emocional com os seus países de origem. Apesar dessas redes construídas trazerem sensações lúdicas, prazerosas e amenas, essas pessoas enfrentam grandes dificuldades no país, as quais estão associadas à posição (socioeconômica, nacional e racial) ocupada por elas na estrutura social brasileira, fazendo com que sejam discriminadas ao serem reconhecidas e tratadas como não brasileiras. Com esse estudo de caso e toda a rede de cuidado, afetividade, laços familiares reconstruídos e ressignificados, procuro exemplificar como a experiência migratória é múltipla, complexa e contextual, reforçando a importância de um olhar multifacetado e interseccional ao analisar os fluxos migratórios.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SIMÕES, Júlio; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lília. Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva. In: SAGGESE, Gustavo et al. (Org.). **Marcadores Sociais da Diferença: Gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. São Paulo: Terceiro Nome; Gamma, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.1, p 229-236. 2000.

BERTOLDO, Jaqueline. **Migração com rosto feminino: múltiplas vulnerabilidades, trabalho doméstico e desafios de políticas e direitos.** *Rev. katálysis*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 313-323, May 2018.

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta Guimarães. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais.** 2012.

BONGIANINO, Claudia Fioretti. **Malas de sonhos e saudades: família e mobilidade entre cabo-verdianos na Itália.** 2012. 233p. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

CARRARA, Sergio; SIMÕES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira.** *Cadernos Pagu*, Campinas, n.28, pp 65-99, 2007.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo.** 2012. 178p. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique.** 2017. 206p. Tese de doutorado, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

CURIEL, Orchy. **Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista.** *Nómadas*, Universidad Central Bogotá, n.26, 92-101, 2007.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, [1981] 2016.

DIAS, Juliana. **Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde.** 2000. 211p. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

ÉVORA, Iolanda Maria Alves. **(Des)atando nós e (re)fazendo laços: aspectos psicossociais da imigração feminina cabo-verdiana em Itália.** 2003. 313p. Tese de doutorado, Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FABIAN, Johannes. **O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto.** Petrópolis, RJ: Vozes, [1983] 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GRASSI, Marzia. Cabo Verde pelo mundo: O gênero na diáspora cabo-verdiana. In: GRASSI, Marzia; Évora, Iolanda. **Gênero e migrações cabo-verdianas**. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp.23-61.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. **As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil**, *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, Brasília, v.9, n.2, 2015, p.1-33

hooks, bell. **Aint' I a woman**. Boston: South End, 1981.

hooks, bell. **Alisando o nosso cabelo**. 2005. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-ou-nossocabelo.html [20 de março 2020]

LANGA, Ercilio. **Diáspora Africana no Ceará: representações sobre as festas e as interações afetivossexuais de estudantes africanos(as) em Fortaleza**. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, v. 2, n.1, p. 102-122, 2014.

LANGA, Ercilio. O lugar das mulheres e a questão dos direitos humanos: um olhar sobre experiências, dramas e interseccionalidades de mulheres africanas na cidade de Fortaleza-CE. In: ROCHA, Marcos (Org.). **Direitos Humanos, Sociedade e Política**. (Coleção Outros Olhares). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p. 129- 152, 2016.

LANGA, Ercilio. **Experiências de imigrantes africanas na cidade de Fortaleza-CE (2010-2017)**. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, Natal, v. 7, n. 12, p. 1-25, 4 fev. 2020.

LOBO, Andréa. **Tão Longe, Tão Perto: organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista – Cabo Verde**. 2007. 266p. Tese de doutorado, Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília.

LOBO, Andréa. **Mobilidades e etnografias possíveis: entre migrações, refúgios e trânsitos diversos**. *Revista Textos Graduatedos*, Brasília, v.4, N. 1, Agosto, 2018.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, [1984] 2019.

MALOMALO, B.; FONSECA, J. D.; BADI, M. K. (Org.). **Diáspora africana e migração na era da globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho**. Curitiba: CRV, 2015.

MOUTINHO, Laura. **“Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul**. *Cad. Pagu*, Campinas, n.23, pp.55-88. 2004.

MOUTINHO, Laura. **Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes**. *Cad. Pagu*, Campinas, n.42, 2014.

PIMENTA, Denise. **O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)**. 2019. 355p. tese de doutorado, Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, Fernando Barbosa; MAISONAVE, Almudena Cortés. Estudo sobre a feminização da migração cabo-verdiana e o seu impacto nas famílias. Um estudo de caso na Ilha de Santiago, Cabo Verde, Relatório Final de Consultoria, In: **Strengthening the Capacity of the Ministry of Communities to Promote Effective Migration Management and Diaspora Outreach in Cape Verde (IDF – IOM Development Fund)**. Cabo Verde, 2013.

SANSONE, Livio. **Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX**. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 27, pp. 249-269, 2002.

SCEGO, Igiaba. **Minha casa é onde estou**. São Paulo: Editora Nós, 2018.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre a maneira de se relacionar**. São Paulo: Odyseus, 2009.

TELMO ROMANO, Alice Queiroz; PIZZINATO, Adolfo. **Migração de mulheres para o Brasil: interseções de gênero, raça/etnia e classe**. *Trabajo social*, Bogotá, v. 21, n.2, p. 197-213, Dec.2019.

TRAJANO FILHO, Wilson. **Lugares, Pessoas e Grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

VILLALOBOS, Wendy. **Direito à cidade: formas de apropriação de espaços públicos por senegaleses em São Paulo**. *Ponto Urbe [Online]*, v. 25, 2019.